



**ANAIS**

**XI Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo  
Contemporâneo**

**XI Colóquio Nacional Cultura e Poder**

**X Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos  
sobre Religiões e Religiosidades**

**VI Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**2025**

**GT – (Antropologia das formas expressivas: materialidades  
que promovem e intermediam relações)**

# A MATERIALIDADE DA RELIGIÃO NAS LOJAS DE SANTUÁRIOS DA ROTA DO ROSÁRIO

Helison Lázaro de Souza (UENP) <sup>1</sup>

**Resumo:** Parte dos contínuos estudos sobre a Rota do Rosário, o presente artigo propõe uma análise das lojas de santuários inseridas nessa Rota, circuito religioso e turístico que se estende em partes do Norte Pioneiro (nordeste) e Campos Gerais (centro-leste) do Paraná. A reflexão fundamenta-se no diálogo entre a teoria da economia da religião e os estudos da religião material. Parte-se da hipótese de que tais estabelecimentos não apenas funcionam como pontos de comercialização de bens devocionais, mas se constituem especialmente como espaços de mediação do “sagrado”, nos quais práticas, afetos e objetos tornam o que é dado como sagrado acessíveis e vivenciados no cotidiano. Defende-se que a lógica de valorização do religioso observada nesses ambientes não corresponde a uma banalização do “sagrado”, mas à sua circulação, ressignificação e inserção em identidades pessoais e coletivas. Assim, compreender a experiência nas lojas de santuário requer ultrapassar dicotomias simplistas entre “fê pura” e “mercantilização”, reconhecendo tanto a agência dos fiéis quanto a complexidade das dinâmicas religiosas contemporâneas.

**Palavras-Chaves:** Economia da Religião. Materialidade. Religião Material. Santuários.

## INTRODUÇÃO

O turismo religioso constitui fenômeno simultaneamente local e global (Silveira, 2007) e, em âmbito mundial, apresenta crescimento em diferentes continentes (Norman, 2013). Pérez (2022) enfatiza isso na América Latina por meio de expressões do sagrado em territórios locais. No Paraná, essa realidade também se evidencia (Souza, 2025). Como exemplo regional, e entre distintas possibilidades de análise, Souza (2024) destaca a Rota do Rosário<sup>2</sup>, instituída em 18 de outubro de 2008, a qual atualmente exerce papel relevante tanto no cenário regional quanto no território de atuação eclesial local. Tal iniciativa promove a dinamização das práticas devocionais católicas, articulando evangelização, turismo, patrimônio cultural e circulação de públicos diversificados. Nesse processo, a experiência ultrapassa a esfera estritamente religiosa,

---

<sup>1</sup> Mestre em História (UPF); Especialização em Ciências da Religião (UENP). E-mail de contato: [helisonsouza11@gmail.com](mailto:helisonsouza11@gmail.com)

<sup>2</sup>Entre a continuidade e configuração de atrativos religiosos ou não, os santuários oficiais até o momento são: Arapoti (1) - Santuário Diocesano Igreja São João Batista; Bandeirante (2) - Santuário Diocesano de Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face, e Santuário Diocesano de São Miguel Arcanjo; Ibaiti (2) - Santuário Eucarístico Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, e Santuário Nossa Senhora das Graças da Medalha Milagrosa; Jacarezinho (2) - Santuário da Mãe Rainha e Vencedora de Schoenstatt, e Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe; Jaguariaíva (1) - Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus da Pedra Fria; Joaquim Távora (1) - Santuário Santíssimo Nome de Jesus; Ribeirão Claro (1) - Santuário Diocesano de São Vicente Pallotti; Ribeirão do Pinhal (1) - Santuário do Divino Espírito Santo; Piraí do Sul (1) - Santuário Nossa Senhora das Brotas (Diocese de Ponta Grossa); Santo Antônio da Platina (1) - Santuário Nossa Senhora das Graças; Siqueira Campos (1) - Santuário do Senhor Bom Jesus da Cana Verde; Tomazina (1) - Santuário Diocesano Nossa Senhora da Conceição Aparecida e de Santo Inocência, Mártir.

vinculando-se a estratégias institucionais voltadas a assegurar condições estruturais adequadas para o acolhimento de pessoas diversificadas e respectivas comunidades locais.

A Rota do Rosário, trata-se de ser:

um projeto de evangelização da Diocese de Jacarezinho – PR [...] por finalidade a comunhão entre santuários e divulgação dos patrimônios cultural, histórico e arquitetônico do Norte Pioneiro aos Campos Gerais, como museus, festas, celebrações, shows, eventos religiosos e culturais, entre outros [...] a proposta da Rota do Rosário, definiu como missão a “evangelização a partir dos santuários e seus atrativos”. Segundo o bispo [atual], D. Antônio Braz Benevente, em 2010, “é uma ação missionária da Igreja na Diocese de Jacarezinho”. [...] destaca-se pelo pioneirismo no fomento do turismo religioso, e está integrada à ação evangelizadora do Regional Sul 2 da CNBB e santuários existentes no Paraná. A Fecomércio e Paraná Turismo são parceiras neste processo do fortalecimento turístico paranaense sem perder de vista a missão evangelizadora que a sustenta (Rota do Rosário, s.d., *grifos do autor*).

Compreende-se por ser uma rota com sua rede de santuários com seus respectivos atrativos turísticos, abrangendo diretamente 12 municípios, cada qual com um ou mais santuários, e estendendo-se, de forma indireta, a outros municípios dessa inter-região. A presente análise identifica 15 santuários considerados “oficiais” da Rota, sendo 14 sob jurisdição da Diocese de Jacarezinho e um vinculado à Diocese de Ponta Grossa, conforme dados disponíveis no site oficial da Rota (Rota Do Rosário, s.d.). Observa-se, contudo, um processo de expansão, com a configuração de novos santuários para futura integração, bem como a inclusão de outros atrativos, o que evidencia um esforço contínuo de ampliação desses espaços e diversificação da oferta, promovendo conexões entre regiões e dioceses.

Para Steil e Carneiro (2008), certas relações entre turismo e religião não comprometem a devoção ou prática religiosa, mas sim moldam essas práticas às necessidades individuais e contemporâneas. Nesse contexto, muitos desses santuários possuem lojas adjacentes, configurando um fenômeno recorrente em distintos espaços vinculados à religião. Tais estabelecimentos exercem funções que ultrapassam a mera comercialização de produtos, pois disponibilizam uma ampla variedade de objetos — terços, imagens, velas, medalhas, quadros, entre outros — que, ao serem adquiridos, significados e ressignificados pelos visitantes, convertem-se em mediadores entre o espaço sagrado visitado e a dimensão do sagrado no cotidiano. A presente análise considera essas lojas como loci de interação entre a lógica das

trocas, a experiência religiosa e a centralidade dos objetos na mediação do sagrado para além de espaços “oficialmente” circunscritos.

### **A materialidade da religião**

A evidência material abrange tanto o que os objetos produzem ou expressam quanto a maneira pela qual a materialidade, enquanto prática cultural, se constitui. Em contextos históricos e contemporâneos, tal perspectiva possibilita examinar vivências religiosas que não se limitam ao espiritual, ético, moral, intelectual, metafísico ou linguístico, mas que se entrelaçam aos fenômenos materiais. Esses fenômenos envolvem corporeidade, experiência sensorial, relações sociais, devoção, classificações culturais, epistemologias e a dimensão social da linguagem e dos textos enquanto artefatos (Morgan, 2016).

Para Meyer, o que se entende como “sagrado” — ou como mediador do sagrado — está intrinsecamente vinculado à experiência religiosa, manifestando-se em objetos, artefatos, espaços, símbolos e práticas sensoriais que mobilizam audição, tato, olfato, paladar e visão. O sagrado não se limita, assim, a sistemas abstratos de crença, mas se concretiza no cotidiano por meio de formas materiais que expressam e conferem significado à experiência vivida. Nessa direção, Morgan enfatiza a noção de “religião vivida”, entendida como a prática cotidiana na qual o sagrado é continuamente significado, tornando-se concreto e atuante.

Entre os elementos constitutivos dessa dimensão material podem ser destacados: relíquias, imagens e ícones, espaços ritualizados, objetos devocionais, vestimentas litúrgicas, arquitetura sacra, alimentos, elementos naturais — como árvores, rios e montanhas —, além do corpo em práticas como peregrinações e danças. Tal perspectiva evidencia que religião e fé são mediadas por dimensões concretas e sensoriais, distanciando-se de abordagens exclusivamente doutrinárias ou espiritualistas, ainda que essas instâncias frequentemente se entrelacem.

Conforme Morgan (2016), o artefato material — o objeto físico — constitui evidência empírica e foco interpretativo central. Contudo, a materialidade da religião vai além da análise de objetos, implicando compreender o religioso como realidade corporificada, situada e performada. Isso demanda examinar crenças, práticas, ideias, instituições, sujeitos, coletividades, Estados, artefatos e corpos como parte de um trabalho contínuo de organização social, de construção ritual e de elaboração de imaginários culturais. Afirmar-se por essa visão, que os atos de sentir, reunir, ensinar, aprender, punir, celebrar, odiar, adorar, falar, vestir, comer, respirar, ver, ouvir, tocar e saborear são constitutivos da experiência religiosa.

## A materialidade significada

É evidente que cada indivíduo atribui significados de acordo com seu sistema de crenças e suas escolhas pessoais. Todavia, a contemporaneidade caracteriza-se pela pluralidade religiosa, soma de escolhas individuais, de graus variados de comprometimento religioso e da presença de inúmeras organizações religiosas (Stark; Bainbridge, 2008). Por um lado, os sujeitos procuram maximizar suas experiências de diferentes maneiras, seja por meio da adoção de práticas complementares, seja pela manutenção de formas tradicionais. As organizações religiosas, por sua vez, adaptam suas tradições e serviços para assegurar a mediação, atualizando símbolos herdados do passado como estratégia de continuidade. Jenkins (2020) aponta que um possível futuro das religiões institucionalizadas consiste em aumentar e incorporar elementos de espiritualidades — compreendendo isto como a relação direta entre o indivíduo e sua crença — dentro de estruturas institucionais.

A articulação entre turismo e religião, denominada turismo religioso, exemplifica esse processo de atualização, especialmente perceptível nas peregrinações, nas quais o deslocamento físico se associa à vivência de experiências mistas e à aquisição de objetos ou feitos que prolongam ou complementam a dimensão devocional.

Neste sentido, concorda-se que os estudos sobre religiões e crenças abrangem múltiplas perspectivas teóricas, de modo que a análise do fenômeno religioso não se encerra em um único olhar. Nessa direção, a partir de Geertz (2008), é possível reconhecer como as manifestações religiosas são valorizadas por diferentes grupos em seus respectivos contextos, sendo atribuídos a elas significados e funções de grande relevância. Assim, entre outras formas, a religião pode ser compreendida como um sistema simbólico que conforma sentidos, confere significados às experiências humanas, orienta comportamentos e molda visões de mundo. Para a análise da crença em questão, o diálogo teórico predominante encontra fundamento na religião material, abordagem que busca compreender a centralidade de imagens, objetos e práticas devocionais na experiência religiosa e na construção do sagrado, situando-se na articulação entre o intramundano e o extramundano - entre indivíduo/grupo e sua crença em questão.

Na perspectiva de Stark e Bainbridge (2008), a vitalidade religiosa não resulta exclusivamente da tradição ou da herança cultural, mas do modo como as instituições religiosas se relacionam com os indivíduos, ajustam suas ofertas simbólicas e permanecem atraentes frente a outras opções. Em sua formulação teórica, evidencia-se que o comportamento religioso

não é irracional nem meramente herdado, mas decorre de escolhas realizadas em um espaço plural de bens religiosos.

Os bens religiosos, portanto, não são tratados aqui como simples mercadorias. Eles incorporam elementos simbólicos, afetivos e históricos da fé, funcionando como instrumentos de mediação entre devotos e suas crenças. Para Stark e Bainbridge, a religião constitui um poderoso sistema de recompensas, cujas manifestações são significadas, podendo expressar benefícios imediatos — como bem-estar, proteção e bênçãos cotidianas — ou recompensas de longo prazo, como a promessa da salvação eterna.

Nesse sentido, as lojas de santuários configuram-se como espaços privilegiados nos quais as trocas simbólicas se tornam visíveis, organizadas e materializadas. Os estudos da religião material, representados por autores como Morgan (2005) e Meyer (2010), deslocam o foco da crença abstrata para as práticas concretas. Sob essa perspectiva, a experiência religiosa ocorre por meio dos sentidos, da corporeidade e dos objetos — imagens, vestimentas litúrgicas, velas, sons, gestos, aromas, entre outros. O sagrado, longe de constituir apenas uma realidade etérea, manifesta-se nas materialidades que possibilitam sua interação.

Dessa forma, os objetos religiosos não são concebidos como meros resíduos ou acessórios da fé, mas como elementos constitutivos da agência devocional. Isso não significa diminuir o espiritual, pelo contrário, a aquisição de um objeto configura-se como um gesto devocional que insere o sagrado no cotidiano e reconfigura a relação entre a pessoa e sua crença. O santuário, enquanto espaço de encontros, deslocamentos e intensificação da devoção, amplia suas fronteiras geográficas por meio da circulação dos objetos adquiridos, os quais prolongam a experiência religiosa para além do momento da visita.

### **Lojas de santuário na Rota do Rosário: economia, devoção e circulação do “sagrado”**

As lojas associadas aos santuários da Rota do Rosário desempenham dupla função: por um lado, contribuem para a sustentabilidade econômica visível; por outro, foco desta análise, configuram um circuito simbólico de circulação do sagrado. A experiência devocional não se limita ao tempo e ao espaço da visita, mas se estende ao lar, ao corpo e ao cotidiano, também, por meio dos objetos adquiridos.

Ressalta-se que não há intenção de defender qualquer sistema econômico, político ou instituição religiosa; entretanto, é possível observar na contemporaneidade aproximações, convergentes ou não, com o sistema capitalista vigente. Nesse sentido, o circuito analisado



obedece, por um lado, à lógica da oferta e da demanda: os indivíduos depositam transações econômicas, mas buscam no mesmo sentido transações que possibilitam recompensas imediatas vinculadas ao bem-estar ou a dimensões simbólicas e litúrgicas — proteção, intercessão, conexão com o divino —, enquanto as instituições religiosas disponibilizam meios materiais e simbólicos para atendê-las. O dinamismo da experiência religiosa, portanto, sustenta-se em trocas materiais e simbólicas, ancoradas em imaginários culturais, que não eliminam o sagrado, mas o atualizam e o tornam concreto nessa interrelação.

Por meio dessa análise, reconhece-se que as práticas religiosas transcendem os espaços tradicionais. A materialidade, nesse contexto, não constitui um “resíduo” da religião, mas expressa a forma pela qual o sagrado se concretiza na vida cotidiana de muitas pessoas. A aquisição de um objeto não diminui o valor atribuído a ele, o qual depende do significado que cada indivíduo confere à relação com o objeto e da disposição pessoal em adquiri-lo.

### **“Destinos” dos objetos devocionais**

Em uma loja de santuário — neste caso, voltada ao público católico — é comum encontrar uma ampla diversidade de objetos que desempenham funções devocionais e simbólicas, variando conforme o santuário, a tradição local e a criatividade das práticas. De maneira geral, esses estabelecimentos oferecem:

1. Artigos de devoção: Terços (de diferentes materiais e tamanhos); medalhas e escapulários; pulseiras, correntes e anéis com símbolos religiosos; chaveiros com imagens de santos e da Virgem Maria.
2. Imagens sacras: estatuetas de Jesus, Maria e dos santos padroeiros; ícones e quadros religiosos; crucifixos de mesa ou de parede; pequenas imagens próprias para altares domésticos.
3. Artigos litúrgicos e de oração: velas de diferentes tamanhos (simples ou votivas); água benta engarrafada; livros de oração, novenas, bíblias e catecismos; incensos e óleos religiosos.
4. Objetos de proteção e bênção: garrafinhas para água benta; pano de altar e lenços benzidos; quadros de bênção para casas e famílias; talismãs devocionais ligados a santos específicos.

5. Itens de lembrança e turismo religioso: camisetas, bonés e lenços com o nome do santuário; canecas, chaveiros, imãs de geladeira e marcadores de página; fotografias e cartões postais; produtos regionais associados ao sagrado (ex.: mel, vinho, ervas, dependendo da devoção local).
6. Objetos para rituais domésticos ou comunitários: quadros com orações (Pai-Nosso, Ave-Maria, Salmo 91 etc.); pequenos altares portáteis; rosários de parede; kits de oração e devoção (terço + livro + vela).

Dentro dessa diversidade, os objetos adquiridos nas lojas de santuários não se restringem ao ato de compra, mas percorrem trajetórias que os reinscrevem em distintos contextos devocionais. Muitos são destinados à composição de altares domésticos, espaços de culto familiar que condensam memórias, afetos e práticas cotidianas de oração. Outros integram práticas devocionais individuais, como a recitação do rosário, a participação em correntes de oração ou o uso contínuo de medalhas, escapulários e pulseiras religiosas, concebidos como formas de proteção espiritual ou elementos votivos. Há ainda aqueles que posicionam imagens em carros, em altares dentro de estabelecimentos comerciais próprios, creditando sacralização do espaço e conferindo à imagem valor simbólico e material com função protetiva para o ambiente.

Existe também a prática recorrente de presentear objetos religiosos a familiares ou amigos em situações específicas, tais como lembranças do espaço, enfermidades, viagens, ritos de passagem (batizados, casamentos, luto), conferindo-lhes, também, o estatuto de intercessores diante do que é concebido como sagrado. Em determinados contextos, o próprio envio desses objetos a outros espaços como capelas rurais, permite afirmar o seu valor como objeto mediador do sagrado.

Essas diferentes destinações evidenciam que os bens devocionais, embora circulem por meio de uma lógica comercial, transcendem a condição de mercadorias comuns. Tornam-se veículos de sentido religioso, e isso é por alguém depositar sentido a eles, estendendo espacial e temporalmente a experiência vivida no santuário e incorporando o sagrado ao cotidiano por meio da compra e atribuição de significado. Nesse processo, a materialidade adquire caráter performativo, pois não apenas simboliza, mas também faz operar relações de fé, proteção e identidade.

## CONCLUSÃO



A análise das lojas de santuários da Rota do Rosário, a partir do diálogo interdisciplinar, possibilita superar interpretações reducionistas que opõem fé e consumo, “transcendência” e mercadoria. Ao reconhecer a agência dos sujeitos religiosos e a potência simbólica dos objetos, compreende-se que a circulação de bens devocionais constitui parte essencial da vivência religiosa contemporânea.

Na perspectiva da economia da religião, conforme desenvolvida Stark e Bainbridge, os objetos adquiridos em lojas de santuários podem ser interpretados como parte de um sistema de oferta e demanda religiosa, no qual os indivíduos buscam recompensas espirituais em diferentes níveis — desde benefícios imediatos, como proteção e cura, até recompensas de longo prazo, como a promessa da salvação eterna. Esses bens, ao circularem em um espaço ligados de alguma maneira a uma organização religiosa, não se configuram como simples mercadorias ou relações de poder estritas, mas como meios de acesso ao sagrado e negociações nas relações, legitimados pela tradição e pelo espaço devocional no qual são disponibilizados, ou adaptados a novas formas de vivenciar a religião. Nesse sentido, a escolha da pessoa em adquirir um terço, uma medalha ou uma vela é compreendida como um ato de escolha dentro de um amplo espaço de bens religiosos, em que se avalia benefícios, simbolismos, afetos, custos e eficácias espirituais.

Por outro lado, os estudos da religião material, a partir de autores como Morgan e Meyer, deslocam o olhar para a dimensão concreta da experiência religiosa, ressaltando que o sagrado se constitui na e pela materialidade. Ou seja, o material é dado como sagrado ou uma mediação para se relacionar com o sagrado. Os objetos não são apenas suportes para a fé, mas atuam como mediadores que possibilitam a experiência do “divino” por meio dos sentidos, da corporeidade e da prática cotidiana. Ao serem adquiridos e, talvez, reinscritos em diferentes contextos — altares domésticos, práticas de oração, ofertas a enfermos ou presentes em rituais — esses artigos tornam-se operadores da presença do sagrado, expandindo o alcance dos santuários, dados como “sagrados”, para além de suas fronteiras geográficas.

Assim, enquanto a economia da religião enfatiza certa lógica de escolha e recompensa, a religião material evidencia a performatividade das coisas, mostrando como os objetos, nas interações, são significados, usados e ressignificados, participam ativamente da constituição da experiência devocional e importância disso no âmbito da crença.

É necessário reconhecer, contudo, que nem todas as práticas associadas às lojas de santuário se revestem de densidade simbólica ou de intencionalidade devocional. Em alguns

casos, como em outros lugares, verifica-se a prevalência de uma lógica mercantil, reduzida à compra de lembranças como souvenir turístico, sem maiores vínculos com a vivência de fé. O que reflete o nível de comprometimento religioso ser variado. Todavia, limitar a análise a essa dimensão seria incorrer em generalização. O que se observa, de fato, é a coexistência de múltiplas camadas de sentido: de um lado, aquisições que obedecem a uma lógica de mercado; de outro, práticas que integram os objetos adquiridos a circuitos de devoção, memória, significação e identidade religiosa. Assim, ainda que a mercantilização esteja presente e ligada ao próprio contexto de consumos, ela não esgota a complexidade do fenômeno religioso, que se caracteriza aqui justamente por essas articulações.

Obviamente que essa análise não se limita aqui, mas em suma, as lojas de santuário também expressam formas atualizadas de engajamento das relações e das devoções, nas quais a experiência espiritual se concretiza em gestos cotidianos de aquisição, uso e consagração de objetos materiais para além dos espaços dados como sagrados e “oficializados”. Dessa maneira, esses espaços podem ser entendidos como zonas de transição e de transações, em meio a simbolismos, consumos, materialidades, sentidos e significações, envolvendo a religiosidade vivida no cotidiano e como fração de práticas plurais na atualidade em níveis de interações.

## REFERÊNCIAS

GIUMBELLI, E.; RICKLI, J.; TONIOL, R. **Como as Coisas Importam: uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer**. Porto Alegre (RS): Editora da UFRGS, 2019.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

JENKINS, Philip. **Fertility and Faith: The Demographic Revolution and the Transformation of World Religions**. Texas (USA): Baylor University Press, 2020.

MEYER, Birgit. Mediating the Divine: Religion and Material Culture in Africa. In: Morgan, David (org.). **Religion and Material Culture: The Matter of Belief**. Londres: Routledge, 2010.

MEYER, Birgit. **Mediating Religion: Media, Culture, and Materiality**. London: Routledge, 2012.

MORGAN, D. Materiality. In: STAUSBERG, M.; ENGLER, S. (org.). **The Oxford handbook of the study of religion**. United Kingdom: Oxford University Press, 2016. p. 271.

MORGAN, David. **The Sacred Gaze: Religious Visual Culture in Theory and Practice**. Berkeley: University of California Press, 2005.

NORMAN, A. **Spiritual Tourism: Travel and Religion Practice in Western Society**. United Kingdom: Bloomsbury Academic, 2013.

PÉREZ, M. I. **Territorios, Fiestas y Paisajes Peregrinos: Expresiones de lo sagrado em los territorios locales**. Editorial de la Universidad Nacional del Sur. Ediuns, 2022.

SANCHIS, Pierre. Perspectiva antropológica sobre o catolicismo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Catolicismo Plural: Dinâmicas Contemporâneas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

SILVEIRA, E. J. Sena da. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, pp. 33-51, mai. 2007.

SOUZA, H. L. **A Rota do Rosário como estratégia de reforço do contínuo institucional católico no Norte Pioneiro e Campos Gerais do Paraná (2008-2023)**. F.197. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade de Passo Fundo, 2024.

SOUZA, H. L. Religião e Turismo: “Característica do Nosso Tempo1” – O “Boom” de Rotas Religiosas Católicas em Espaços Diversificados Constituídos em/para Coletividade. In.: P., Renato A.; ZANOTTO, G.; RODRIGUES, C. M.; CALDEIRA, R. C. (orgs.). **Catolicismo, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: AYA Editora, 2025.

STEIL, C. A.; CARNEIRO, S. S. Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(1): 105-124, 2008.

STARK, R.; BAINBRIDGE, W. S. **Uma teoria da religião**. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

## **FONTES**

ATA ROTA DO ROSÁRIO. nº1. Jan. 2007 - abr. 2009. [Documento não publicado].

Rota do Rosário: Um Caminho a Ser Percorrido. **Rota do Rosário**. s.d. Disponível em: [www.rotadorosario.org](http://www.rotadorosario.org) . Acesso em: 30 jul. 2025.

TV EVANGELIZAR. **Documentário Rota do Rosário**. 30 mar. 2017. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=-pmG1YVgO3Y](https://www.youtube.com/watch?v=-pmG1YVgO3Y). 1 vídeo (1 hora, 16 min). Acesso em: 02 jul. 2025.